

AUTOCONHECIMENTO E REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE.

ADALGISA CRISTINA MARQUES BONI (FIEL - FACULDADES INTEGRADAS EISNTEIN).

Resumo

Na atualidade, vivemos em constante fase de transformação cultural e histórica devido ao modo de vida da sociedade em que estamos inseridos. Consequentemente, a formação docente tem exigido maior cuidado por parte dos professores das universidades, a fim de priorizar temas que contribuam para a reflexão e preparação coerente dos futuros educadores do nosso país. Este trabalho está sendo desenvolvido com as alunas de Pedagogia do 3º semestre das Faculdades Integradas Einstein de Limeira, São Paulo, com o objetivo de proporcionar experiências referentes ao autoconhecimento de cada aluna e a conscientização de suas trajetórias de aprendizagem. Utilizando técnicas projetivas, tenho conduzido a turma a questionamentos, busca de emoções relacionadas às suas aprendizagens na infância, levantamento das diferentes metodologias utilizadas desde o início da vida escolar, com o objetivo de proporcionar a abertura de pensamento e conhecimento interior. Dessa forma, os momentos em sala de aula poderão estruturá-las emocionalmente a fim de elaborar suas próprias práticas educativas por meio da análise interna e externas (ambiente) ao mesmo tempo. Na visão psicopedagógica, não basta criticarmos as metodologias tradicionais, mas sim sermos capazes de adequar os aspectos positivos das diferentes abordagens. O autoconhecimento envolve o domínio da afetividade a partir da sua conscientização, pois muitas vezes a falta de percepção e sensibilidade bloqueia o pensamento e ação deixando os profissionais incapazes de entender o outro em sua singularidade. Com esta experiência, o grupo está conseguindo sair da mera visão crítica sem fundamentação sólida para a visão de que fomos educados muitas vezes de forma tradicional e que atualmente necessitamos de uma reelaboração de idéias e crenças para conseguirmos construir uma prática não só moderna, mas principalmente eficiente.

Palavras-chave:

Docente, Autoconhecimento, Prática.

Introdução

A formação docente constitui uma temática de extrema importância em decorrência às condições educacionais nos dias atuais, dentro das escolas brasileiras.

Nas décadas de 40 a 60, quando o Curso "Magistério" e posteriormente o "Normal" se ocupava em formar professores, o perfil do estudante dessa área podia ser comprometido com sua vocação[1], antes mesmo de entrar na faculdade.

No mundo em que vivemos, formam-se professores que migram de diversas áreas de ocupação e muitas vezes esses campos de atuação estão distantes do âmbito educacional, no tocante às preocupações didático-pedagógicas.

Dentro deste contexto, alguns aspectos relacionados a esse distanciamento são relevantes como, por exemplo, o nível de conhecimento teórico e prático com relação ao desenvolvimento da criança e da realidade da sala de aula, trazido às universidades pelos estudantes de Pedagogia. Além disso, a pouca disponibilidade de tempo, por parte dos ingressantes à carreira de professores, dificulta a

realização de estudos e dedicação na área educacional. Sem falar da falta de identificação com a profissão que alguns universitários vivenciam ao se adentrarem às práticas de sala de aula.

A transformação cultural e histórica da sociedade ocorre em uma velocidade rápida, mudando, inclusive, os objetivos e interesses das gerações do atual século XXI. Em todo esse progresso, a mudança de valores[2] por parte das famílias faz com que as mesmas se sintam perdidas na árdua tarefa de educar os filhos, provocando ações conflitantes e refletindo no ambiente escolar.

O reflexo aparece em vários assuntos educacionais, porém, um deles relacionado com a temática da formação docente se torna importante para o quadro aqui delineado: a falta de motivação do professor. Assim, ele se sente sem argumentos, sem identidade e desmotivado para realizar seu papel, não só na sala de aula como também no meio social de que faz parte. Conforme as colocações de Lobo, o professor está na última posição dentro da escola (LOBO, 1987):

O que é ensinado a mais ao especialista em educação, é o que deixa de ser ensinado ao docente. Assim ocorre a expropriação do saber da professora e sua apropriação pelos especialistas.

A consequência desse processo é a hierarquização de funções dentro da escola e a colocação da professora no último degrau dessa hierarquia. (p. 276)

Com o objetivo de provocar reflexões e diferentes posturas quanto à ação educativa dos futuros professores, essa pesquisa teve como foco principal o autoconhecimento das alunas de um curso de Pedagogia[3]. O propósito desse trabalho foi atingir a conscientização das trajetórias de aprendizagem das envolvidas, desde a infância até o presente momento.

Ao se perceber como sujeito dotado de particularidades significativas, abre a possibilidade de compreender o outro também como alguém capaz e com singularidades que poderão facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer do texto serão tratadas questões como: o autoconhecimento do professor e a relação professor-aluno, buscando um enlace dos temas, a fim de contribuir para a formação docente dos universitários em início de carreira.

Fundamentação Teórica

Avançando no sentido do "descobrir-se" e iniciando a discussão sobre o que seja o autoconhecimento do professor, nada melhor que buscar o sentido da própria existência. "Somos, antes de mais nada, **construtores de sentido**, porque, fundamentalmente, somos **construtores de nós mesmos**, a partir de uma evolução natural". (CORTELLA, 2001: 32, grifos do autor)

Uma vez que autoconhecer-se abrange a construção da pessoa como um todo capaz de agir e se relacionar com o meio modificando-o, a temática pode ser ampliada na perspectiva do autor, que afirma: "Essa ação transformadora consciente é exclusiva do ser humano e chamamos trabalho ou práxis; é consequência de um agir intencional que tem por finalidade a alteração da realidade de modo a moldá-la às novas carências e inventar o ambiente humano". (CORTELLA, 2001: 41)

Várias abordagens discutem a questão do conhecer-se, mas para aprofundar os estudos, a escolha da Psicopedagogia é pertinente, uma vez que nessa área encontram-se caminhos que valorizam o ser que aprende e também desperta no professor um olhar significativo, direcionado para sua postura tanto pessoal como profissional.

A Psicopedagogia é a área que "estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades e que, numa ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os" (SCOZ, 1991: 2).

Num enfoque direcionado à formação docente, através da Psicopedagogia, há a possibilidade de construção e correção da própria aprendizagem, já que o professor precisa ser o primeiro a rever suas formas de aprender. Nesse momento consegue-se lidar com possíveis dificuldades que surjam durante o caminho das aquisições, sejam elas formais ou informais.

Segundo Parga:

O professor deve, ainda, funcionar como uma mãe-suficientemente-boá, que nutre, alimenta, aceita ataques e possibilita a reparação, coloca limites e, principalmente, se conscientiza tranquilamente de seus próprios erros e falhas. [...] qualquer proposta psicopedagógica dentro de um caráter institucional e preventivo deve incluir permanentemente a necessidade de submeter o docente a um processo corretor de sua própria aprendizagem, para que possa internalizar e concluir que para aprender é preciso não-saber... (PARGA, 2001:163)

Mas como se conhecer? Através do encontro consigo, da busca da própria identidade, da oportunidade de ser ouvido e ouvir o outro, num movimento permanente capaz de provocar a identificação com a profissão de professor.

A clareza de se auto-olhar está nas palavras de Lobo:

A história pessoal forma a professora. Faz com que sinta que tem *aptidão*, que está disponível para uma relação onde possa ajudar um outro a se desenvolver [...] Como se perceber, sendo ou não professora, e, a partir daí, prosseguir ou desistir. [...] é da reflexão sobre essas questões que poderemos nos olhar no espelho e encontrar quem somos. Transformar o contorno num rosto próprio, pessoal. (LOBO, 1987:280-281, grifos do autor)

Surge então, a ligação entre conhecer-se e ser autor de algo proporcionando meios de dominar as próprias formas de aprender, conhecer e viver. Sendo assim, "a autoria de pensamento supõe diferenciação, agressividade saudável, "revolta íntima", a partir da qual há a possibilidade de reencontro com o outro. Acesso a nós mesmos". (FERNANDÉZ, 2001: 105, grifos do autor)

Quando se busca o autoconhecimento, não se pode deixar de refletir sobre o significado do pensar. "Pensar implica, necessariamente, transformar(se). Quando digo "Eu penso", estou dizendo que estou construindo algo novo ainda em relação ao que pensava antes". (FERNANDÉZ, 2001:106)

Sendo assim, a autonomia do pensar também se torna algo distante. "O pensamento não é autônomo; ao contrário, é por suas ligações com o desejo (e daí com o outro) e por tal relação com os limites do real que é necessário e urgente ao sujeito situar-se como o autor de seu pensar". (FERNANDÉS, 2001:90)

É na possibilidade de se conhecer para se reconstruir ou dar sentido e continuidade à própria construção interna, que surge o aprofundamento no âmbito da relação que futuros professores irão estabelecer com seus alunos. Isso porque a responsabilidade da relação passa a ser significativa para o estabelecimento de vínculos duradouros e a concretização de aprendizagens.

Para tanto, novamente a teoria Psicopedagógica vem nos referenciais de Fernández, dialogar sobre a aprendizagem dizendo que: "Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendiz[4]) e um vínculo que se estabelece entre ambos". (FERNANDÉZ, 1990: 47, grifos do autor)

Segundo Parolin:

Todo processo de educação pressupõe a presença de dois seres concretos que interagem em uma situação única, cuja originalidade é tal que não se pode reproduzir em outra situação correlata, posto que não seriam mais as mesmas interações. Esses momentos provocam profundas mudanças recíprocas. Esse "par educativo" é capaz de provocar inúmeras e importantes aprendizagens e reaprendizagens, seja ele composto por uma criança e seu pai, ou ela e seu professor, ou ainda, a criança e outra criança, se houver clara intenção, o ambiente e o clima favorável para que um queira aprender o que o outro queira ensinar. (PAROLIN, 2005: 72)

As relações pessoais estabelecidas no início da vida da criança interferem em sua trajetória de aprendizagem de diversas formas consolidando a necessidade de relacionamentos construtivos durante a infância.

O professor precisa ter o domínio da importância das relações humanas no processo de aprendizagem e, mais que isso, necessita estar pronto para construir convívios sociais e transformá-los de acordo com as situações que surgirem com os alunos.

Como afirma Parolin:

As primeiras experiências relacionadas à aprendizagem são oriundas da relação mãe-filho (ou quem estiver fazendo esse papel) e da afetividade que se estabelece nesse processo. O que vai embasar o processo de desenvolvimento da compreensão do mundo externo é a relação afetiva existente entre esse par educativo. É nessa relação que se estabelecem os primórdios do que será essa pessoa como aprendiz, sem esquecermos de considerar o caráter social e afetivo, além do familiar na construção do estilo de aprendizagem de uma pessoa. (PAROLIN, 2005: 72- 73)

Refletindo ainda sobre as relações entre os pares educativos, abre-se espaço para o valor das emoções nas aprendizagens. Uma emoção sem sentimentalismo, mas sim com envolvimento devido à relação natural que se estabelece durante o processo de aprendizagem. De acordo com as palavras: "O que essa professora às vezes não sabe, e os especialistas tampouco, é que pertence a ela, por excelência, a relação com o aluno" (LOBO, 1987: 277). A importância da figura do professor precisa ser resgatada com urgência de forma a construir novas relações com as futuras gerações.

O que o professor precisa ter em mente é a importância do seu papel dentro e fora da sala de aula, pois suas atitudes influenciam e auxiliam na estruturação do sujeito que aprende.

Na visão de Parolin:

Esse ser cognoscente aprende em diferentes situações e, com suas aprendizagens, torna-se senhor de si mesmo, do seu mundo e das múltiplas redes relacionais que ele conseguir gerir e gerenciar. Os educadores necessitam ter claro que esse movimento tem um clima emocional, tem um tom relacional e é momento privilegiado em que aprendizes e educadores autorizam-se a conhecer e a conhecer-se. (PAROLIN, 2005:73)

O trabalho docente tem urgência da visão reflexiva a respeito dos pontos abordados até o momento, a fim de se tornar um fazer consolidado por momentos de troca de saberes e de emoções construtoras de um sujeito em constante transformação.

Metodologia

O trabalho, cujo objetivo foi o de investigar o autoconhecimento de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia, ocorreu nas Faculdades Integradas Einstein de Limeira (SP), durante o primeiro semestre do ano de 2009.

As alunas estavam no terceiro semestre e, durante a disciplina de Tópicos Temáticos em Formação Docente, tiveram o contato com a temática aqui abordada.

A pesquisa contou com 32 mulheres, com idades entre 20 a 48 anos de idade, das quais cerca de 15 alunas já atuavam com crianças em fase de Educação Infantil, nas funções de monitoras. As demais estavam empregadas em estabelecimentos comerciais e escritórios, confirmando a situação abordada no início desse texto, a respeito da falta de preparo na área educacional.

De acordo com o propósito deste trabalho, essa pesquisa foi caracterizada como qualitativa, pois "se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto". (GONZALÉZ REY, 2005: 51)

A abrangência do tema possibilitou a escolha de dois pontos principais a serem trabalhados com o grupo de estudantes: o autoconhecimento através da história de vida de cada integrante do grupo e as relações que permeiam o processo de ensino-aprendizagem.

A idéia de se trabalhar com as relações envolvidas com a aprendizagem foi a de investigar o relacionamento professor-aluno e refletir sobre como cada um aprende.

O grupo de estudo desenvolveu atividades direcionadas para as temáticas enfocadas anteriormente, durante o período de aulas, totalizando quarenta horas. Os dados coletados foram sob a forma de desenhos, cartas e dinâmicas com expressão oral anotadas na ocasião pela professora, a respeito de cada um dos componentes.

Quanto aos relatos colhidos nessa pesquisa, eles serão indicados por aluna 1, aluna 2, e assim por diante, e, os desenhos apresentados com pseudônimos.

Apresentação da Pesquisa

A primeira proposta lançada às estudantes foi que cada uma escrevesse uma carta à menina de sete anos que foram na infância[5].

Surgiu o momento de encontro consigo mesmo, como uma forma de rever a história pessoal de cada futura professora envolvida no projeto e repensar a trajetória escolhida para si, muitas vezes realizada sem uma reflexão mais profunda sobre seus próprios objetivos.

Dessa forma, as lembranças de cada aluna constituíram um meio de não apenas lembrar como também reviver, de forma madura, cenas relevantes para o ser construído até o presente momento.

O segundo ponto abordado nessa pesquisa traz à tona uma questão de extrema significância para o trabalho do professor: a sua relação com o aluno e com a aprendizagem.

O grupo em questão foi convidado a repensar ainda mais sobre suas próprias vivências, através da consigna de realizar um desenho representando alguém que ensina e outro que aprende.

A técnica da Pareja Educativa[6] proporcionou a oportunidade de novo encontro, porém voltado diretamente às relações entre os sujeitos envolvidos em aprendizagens formais e informais.

Por meio de representações gráficas e verbais, os envolvidos puderam conhecer o vínculo estabelecido com a aprendizagem e também revelar os vínculos entre aquele que aprende e o que ensina.

Análise e Discussão dos resultados

Conforme abordado anteriormente, a partir do momento que o não-saber se torna significativo para o processo de aprendizagem, a reconstrução do professor pode ocorrer no momento em que o mesmo se vê em suas aprendizagens iniciais. Esse foi o principal objetivo da pesquisa, ou seja, convocar os sujeitos (estudantes de Pedagogia) a descobrirem-se por meio de suas vivências anteriores e isso ocorreu nos momentos de reflexão interior e na exteriorização das vivências das alunas.

Partindo do pressuposto abordado anteriormente - a falta preparo e conhecimentos da área aos estudantes - houve um cuidado especial em despertar através da prática nova forma de pensar a tarefa de ensinar, porém sem deixar de lado o embasamento teórico necessário às atuações conscientes e sólidas.

Cada história de vida trouxe sentimentos embutidos, culpas guardadas, indiferenças e também o sentido das aprendizagens realizadas a treze, vinte, trinta e quarenta anos atrás. Por alguns minutos as futuras professoras puderam ser autoras de seu próprio pensamento e traçar as possibilidades de se reconstruírem.

As frases que seguem abaixo embasam as revelações de experiências pessoais relatadas por algumas componentes do grupo, nas cartas redigidas a si mesmas:

"[...] parece que você sempre foi muito convicta em suas decisões, sonhadora, porém sempre com os pés no chão, posso assegurar que você não modificou tanto assim, é persistente até hoje [...]". (Aluna 1)

"Acredite mais em você, em seu potencial, não depende das opiniões nem da aprovação dos outros, confie em você [...] siga seu coração e não se esqueça que em primeiro lugar você deve privilegiar a sua felicidade e não somente a dos outros". (Aluna 7)

"Talvez você deva tomar cuidado com as palavras, pois elas podem magoar muito as pessoas que você mais ama, agora eu sei disso [...]". (Aluna 12)

"Fale mais, se abra com as pessoas, fale o que pensa e principalmente *pergunte*, o conhecimento nunca é demais!". (Aluna 16)

"Sabe, a única recomendação que eu faria a você é que não exigisse tanto de você mesma, as pessoas não são perfeitas, todos cometem erros, se culpar por tudo o que acontece não é saudável, e no futuro isso lhe causará grandes problemas [...]" (Aluna 19)

Nos relatos acima, houve a revelação das características pessoais que incomodam os sujeitos até o presente momento e a partir desse reviver tiveram a oportunidade de trabalhar e modificar suas estruturas consideradas por elas, como inadequadas.

Os trechos seguintes dizem respeito a passagens da infância, aos ensinamentos e atitudes dos pais para com as filhas, durante o processo de desenvolvimento das mesmas:

"A infância passa muito rápido, sabia? Eu mal lembro como foi, acho que passei tempo demais me preocupando com problemas que não eram meus então, por favor, tente mudar isso". (Aluna 16)

"Puxa, como o tempo passou! Ainda me lembro de como você jogava taco, tão bem [...]" (Aluna 20)

"E quando meu pai comprou uma bicicleta quando fiz 8 anos, ah! E o pior de tudo é que eu não podia sair na rua para andar com ela; chorei tanto, eu nunca fui de ter muitos amigos, até hoje [...] é que meu pai não deixava, todos brincavam de bola na rua e eu ficava vendo da janela" (Aluna 4)

"Só ficava a noite e os fins de semana com minha mãe. Meu pai era e é alcoólatra e quando tinha sete anos minha mãe se separou dele, porque não agüentava mais [...]" (Aluna 17)

"Queria que você soubesse que o pai, ele continua o mesmo. Nunca está presente e eu ainda não tenho nenhuma história dele bem legal comigo pra contar." (Aluna 18)

"Fui muito protegida pela minha mãe, por causa das burradas que a minha irmã fez na vida, então sempre era assim: chegava da escola direto para dentro, não deixava brincar com meninos [...]" (Aluna 21)".

Os dizeres acima confirmam a idéia de que os relacionamentos firmados na infância contribuem para a estruturação do sujeito de forma a interferir em suas vidas quando adultos, pois em várias situações os depoimentos se identificaram com traços e atitudes comuns nas alunas, durante o convívio diário.

Para finalizar, algumas falas trouxeram a questão da aprendizagem e serviram para o grupo dialogar a respeito de traumas e alegrias que permearam o trajeto escolar de cada uma das participantes da pesquisa.

"Você ainda gosta de estudar, a cartilha Caminho Suave, quantos desenhos, a base $B+A=BA$, o cachorro bebe água na cuia/ a cuia é de coco, aprender a ler, então, para você significou muito". (Aluna 10)

"Sabe, pequena criança, apesar do meu gosto pelo estudo, forças maiores impediram que pudesse seguir a continuidade deles, forçando-me a interrompê-lo por um período". (Aluna 13)

"[...]na escola você batendo com a lancheira nos meninos e correndo para o Bispado e voltando com Dom Lázaro para casa, assim, os meninos não podiam te pegar". (Aluna 14)

"Eu ainda não me recuperei do "trauma" na Matemática, mas estou trabalhando para isso". (Aluna 22)

Durante o contato com as estudantes em situação de reflexão foi comum observar o quão difícil é o momento de pensar ou falar de si próprio. Será que as pessoas estão utilizando o pensamento como forma de repensar-se para continuarem sua construção interior?

Por esse motivo, a importância em possibilitar oportunidades de encontros internos e conseguir trocar as experiências vividas de forma a contribuir para a reconstrução dos sujeitos.

Na segunda atividade proposta, a descoberta dos vínculos estabelecidos formalizou diferentes situações de relacionamento com a aprendizagem, porém demonstrou que a subjetividade da relação entre os seres esteve voltada em muitos casos para aprendizagens realizadas a partir de um exemplo, um modelo adquirido em casa, na relação familiar.

Para ilustrar o vínculo entre quem ensina e quem aprende os desenhos A, B, C, D, E, F trouxeram como personagens principais a criança e os pais, comprovando a vinculação bem estabelecida entre os pares.

Anexo 1 - Desenhos A, B e C

O desenho A retrata o cuidado da mãe com o bebê e coloca a "culpa" por deixar os filhos com outras pessoas, não participando das aquisições da criança. Com relação aos desenhos B e C a situação da mãe como a maior responsável pela educação dos filhos revela sentimentos de gratidão e realidades pessoais quanto ao modo de vida e os vínculos com os familiares.

Anexo 2 - Desenhos D e E

Nos desenhos D, E aparecem situações em que o objeto de aprendizagem representado no desenho D (pescaria) e desenho E (cozinhar) condizem com momentos de prazer e satisfação até hoje, demonstrando o bom vínculo com o objeto de aprendizagem.

Anexo 3 - Desenhos F e G

Através do desenho G, os componentes da Pareja Educativa foram a criança e o educador aprendendo através da descoberta do objeto da aprendizagem, em um ambiente diferente da convencional sala de aula, ou seja, na natureza. Já o desenho F, formado por componentes pai e filho, reflete a satisfação em concluir uma aprendizagem difícil. Aqui o objeto de aprendizagem gerou um conflito maior, desencadeando a necessidade de persistência na aprendizagem.

Anexo 4 - Desenho H

Finalmente, no desenho H, está representado pela professora ensinando ao aluno a utilização de instrumentos musicais, porém em um ambiente que demonstra uma relação estática entre os envolvidos sem maiores envolvimento e sem os objetos de aprendizagem (instrumentos musicais).

Complementando: cada desenho contou com uma história escrita e sua reprodução oral em situação grupal, revelando as situações pessoais de cada representação gráfica.

No decorrer dessa pesquisa, a preocupação do descobrir-se por parte das futuras professoras esteve atrelada à necessidade de despertar-se para os relacionamentos que serão firmados em sala de aula, a qualquer momento e época, inclusive, na atual disciplina de Tópicos Temáticos em Formação Docente, pois nada melhor que falar teoricamente sobre a atuação docente representando e vivendo através da prática.

Referências Bibliográficas

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: O diagnóstico clínico na abordagem interacionista.** 1ª ed. São Paulo. Vetor, 2004. 236p.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** 4ª ed. São Paulo: Ed.Cortez. Instituto Paulo Freire, 2001. 159p.

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da criança e sua família.** Tradução de Iara Rodrigues. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 261p.

_____. **O saber em jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Tradução de Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001. 179p.

_____. **Psicopedagogia em Psicodrama: morando no brincar.** Tradução de Yara Stela Rodrigues Avelar. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 206p.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios.** Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 188p.

LOBO, Sílvia. Maria sem vergonha de ser professora. In: **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Cap. 23, p. 275- 281.

PARGA, Márcia. O enlace desejo-inteligência na aprendizagem. In: **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001. Cap. 7, p.148-164.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores**: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005. 160p. Série práticas educativas.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Escala Educacional, s/ data.

SCOZ, Beatriz Judith, et. al. (Orgs.) **Psicopedagogia**: contextualização, formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 161p.

[1] Vocação - Aptidão natural; talento. De acordo com o Minidicionário da língua portuguesa Sacconi.

[2] Valores - Entendendo valores por " um produto criado para o existir humano pois, quando os inventamos, estruturamos uma hierarquia para as coisas e acontecimentos, de modo a estabelecer uma ordem na qual tudo se localize e encontre seu lugar apropriado." (Cortella, 2001: 45-46)

[3] O curso de Pedagogia aqui citado trata-se do curso das Faculdades Integradas Einstein de Limeira-SP.

[4] Ensinante e Aprendiz - termos utilizados pela autora Alicia Fernández para se referir à pessoa que ensina e a que aprende, respectivamente.

[5] Proposta utilizada por Fernández em suas dinâmicas de psicodrama, citada em seu livro: Psicopedagogia em Psicodrama.

[6] Pareja Educativa - técnica desenvolvida na Argentina e adaptada por Olívero e Palácus (1980/1990) citada em Chamat (2004).

Anexo 1: Desenhos: A, B e C

Desenho A – Autora aluna Marilene
Mãe ensinando a filha bebê



Desenho B – Autora aluna Carla
Filha aprendendo com a mãe a confeccionar bonecas de pano, pois na época da mãe não haviam bonecas de plástico.



Desenho C – Autora aluna Carla
A mãe conduzindo o filho até a escola – Papel da família no desenvolvimento do filho.

Anexo 2 – Desenhos D e E



Desenho D – Autora aluna Gabriela
Pai ensinando não só a pescaria, mas também os valores – Pai como espelho.



Desenho E – Autora aluna Lúcia
Mãe ensinando a filha cozinhar.

Anexo 3 – Desenhos F e G

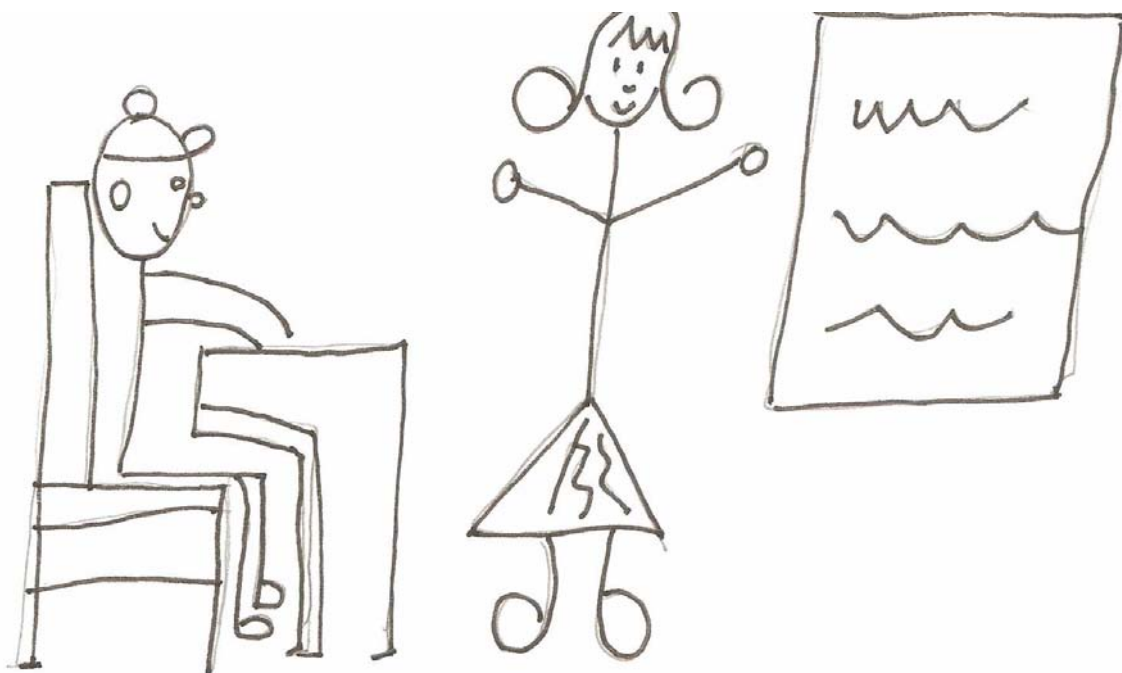


Desenho F – Autora aluna Paula
Garoto aprendendo a amarrar o tênis, em casa. A
persistência conduziu à satisfação.



Desenho G – Autora aluna Claudia
O educador auxiliando na descoberta da natureza.

Anexo 4 – Desenho H



Desenho H – Autora aluna Laura
Professora ensinando música ao aluno.